

Semana da Anistia

Esquecer jamais! Lembrar sim, para que nunca mais aconteça!

As atividades da Semana da Anistia em 2016 promovidas pelo Coletivo Catarinense Memória, Verdade e Justiça, acontecem desde o dia 17 de agosto, quando na Câmara de Vereadores de Florianópolis acontecerá uma justa homenagem às mulheres que participaram na luta pela Anistia. São elas: Clair Castilhos Coelho - Zuleika Lenzi - Marlene Soccas- Egle Malheiros -Marise Maravalhas – Elaine Martins - Maria Helena Garcia - Margaret Grando- Maria Rita Bessa- Anita Pires- Isabel Régis- Ane Beck- Teresa Sell - Cleidi de Albuquerque- Maria Elaine Alves Borges in memoriam.

Homenageamos também os quatro catarinenses que retornaram do exílio graças a luta pela anistia: Derlei de Luca, Vilson Rosalino e in memoriam Marcilio Kruger e Francisco José Pereira.

Em nome das homenageadas falará a convidada Clair Castilhos Coelho, graduada em Farmácia com especialização em Saúde Pública e Professora aposentada do Departamento de Saúde Pública da UFSC. Foi Vereadora na Câmara de Florianópolis e *Secretaria* Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano na PMF. Hoje integra a Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos.

A Lei da **Anistia** no Brasil, lei nº 6.683, foi promulgada pelo então presidente João Batista Figueiredo em 28 de **agosto** de 1979, após uma ampla mobilização social, ainda durante o regime militar iniciado com o golpe civil-militar em 1964 que depôs do presidente João Goulart, ampliando ainda mais seus poderes depois de 1968, com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que permitiu ao Poder Executivo decretar o recesso do Congresso Nacional - na prática, dissolvendo o parlamento.

A campanha pela Anistia desencadeada em 1975 com o lançamento do Manifesto da Mulher Brasileira pelo Movimento Feminino pela Anistia foi organizada primeiramente em São Paulo por Terezinha Zerbine, se irradiando através dos demais estados do país no decorrer da década.

Em 1978 foi criado, no Rio de Janeiro, o *Comitê Brasileiro pela Anistia*, congregando várias entidades da sociedade civil, com sede na Associação Brasileira de Imprensa.

A luta pela anistia aos presos e perseguidos políticos foi protagonizada por estudantes, jornalistas e políticos de oposição. No Brasil e no exterior foram formados comitês que reuniam filhos, mães, esposas e amigos de presos políticos para defender uma anistia ampla, geral e irrestrita a todos os brasileiros exilados no período da repressão política.

Coube às mulheres, portanto o pioneirismo pela luta pela Anistia no Brasil. Este papel resultou em um primeiro momento por serem mães, irmãs, companheiras e filhas de atingidos pela Ditadura, que se uniram em torno de um objetivo comum: a busca de familiares desaparecidos ou a defesa dos familiares presos e também na luta pelas liberdades democráticas.

Em consonância com a organização nacional aqui surgiu o Movimento Feminino pela Anistia de SC do qual participaram muitas mulheres que hoje queremos homenagear seu importante trabalho em defesa dos direitos humanos dos cidadãos catarinenses que lutaram por justiça social e tiveram seu direito a vida cerceado através de prisões arbitrárias, sequestros, torturas, mortes e desaparecimentos provocados pelo estado de exceção instalado pela ditadura civil- militar.

A Campanha da Anistia, em que pese sua vitória parcial, foi diretamente responsável pela ampliação das conquistas democráticas do povo brasileiro e eternizou os direitos humanos como dimensão essencial das ações políticas. Legou à sociedade brasileira mecanismos de solidariedade ativa na defesa de todos que lutam pela liberdade, pela democracia, pela dignidade política. Com ela, recuperamos - as gerações de 64 e de 68 - a nossa própria dignidade e a possibilidade, sempre presente, de continuar na luta para fazer do Brasil uma pátria gentil e generosa para todos os seus filhos.

Tarefa
Geir Campos

Morder o fruto amargo e não cuspir
mas avisar aos outros quanto é amargo,
cumprir o trato injusto e não falhar
mas avisar aos outros quanto é injusto,
sofrer o esquema falso e não ceder
mas avisar aos outros quanto é falso;
dizer também que são coisas mutáveis...

E quando em muitos a noção pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.



MEMÓRIA, VERDADE, JUSTIÇA

COLETIVO CATARINENSE

Face book: Memória, Verdade e Justiça

coletivosc@gmail.com